

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA NO TURISMO: INDICAÇÃO DE METODOLOGIA ÀS NOVAS LEITURAS DO FENÔMENO

Moisés da Costa¹

Resumo: O objetivo do artigo é discutir o emprego da Análise Crítica de Discurso (ADC) no turismo. O propósito é expor as bases da teoria crítica do discurso e justificar a metodologia como uma abordagem necessária ao turismo na modernidade. Para isso, se discute o significado do discurso como prática social e a funcionalidade do discurso no turismo como mecanismo de formação hegemônica e ideológica. O texto ainda destaca a necessidade do viés crítico no setor, o discurso constituído no segmento e a indicação da ADC como metodologia aplicável às análises críticas. A pesquisa crítica no turismo registra pouco avanço em interdisciplinares e estudos que sistematizem epistemologias aplicáveis às mudanças sociais, assim é preciso que se complexibilize os estudos e ampliem as reflexões críticas e emancipatórias no turismo. Nessa perspectiva, o debate acerca do discurso, ferramenta eficaz na produção e reprodução de ideologias, construídos na arena socioeconômica e política do setor, mostra-se área de pesquisa a ser explorada. Indicam-se os fundamentos sistematizados na ADC uma ferramenta eficaz e adequada às leituras críticas do turismo na modernidade.

Palavras-chave: Análise Crítica de Discurso. Discurso ideológico. Turismo crítico. Movimentos emancipatórias.

Introdução

Para entender o turismo na atualidade, é preciso inseri-lo no panorama da contemporaneidade, cujos referenciais de surgimento e interesse agora se desenvolvem em campo híbrido e polifônico, ao mesmo tempo de domínio (político-econômico) e apropriação (simbólica) do espaço, no que se pode chamar de ‘des-ordem mundial’ (HAESBAERT, 2006). Nesse sentido, a análise do turismo exige novas propostas de abordagens e interpretações do fenômeno, para além do ‘espetáculo²’ (DEBORD, 2007).

Isto implica incluir ou angular os elementos em função do que se deseja apreender do fenômeno, considerando o conhecimento de sua natureza material e social no contexto moderno, pensando ainda nas condições de produção, recepção e escalonamento no contexto local em que se insere. Há, neste sentido, uma via de mão dupla que integra reflexões em termos de conceitos e contextos, e o conhecimento empírico, imprescindível ao estudo do fenômeno.

¹ Jornalista, Mestre e Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC). moisesdacosta2008@hotmail.com

² A economia em função dela mesma e da manutenção do seu aparato e desdobramento, onde a imagem do espetáculo surge como intermediação. Para o autor, o espetáculo gira em função da imagem que mediatiza as relações sociais (DEBORD, 2007).

O presente artigo situa-se nessa perspectiva, de buscar caminhos reflexivos e interdisciplinares que favoreçam a interpretação do turismo no seu conjunto semiótico, revelando as conjunturas e mecanismos que atuam de forma subjacente, mas não menos eficaz, na (re)significação do setor através dos discursos e práticas sociais, afim de proporcionar posicionamentos e movimentos emancipatórios no setor.

A justificativa de enquadramento do turismo a esse perfil de análise reside no que se percebe empiricamente: a forma como o discurso político, economicista e funcionalista cristaliza-se e influencia a prática social do turismo; a força com que esse discurso é reproduzido pelos atores sociais e trade³ e a falta de questionamento crítico em relação aos discursos e eventos turísticos, mesmo quando clara as contradições entre discurso (enunciado) e a prática social.

Na modernidade, e no turismo em especial, o discurso tem papel estruturador e funcional, no sentido de mediação social e cumprimento de formalidades institucionais, respectivamente. Situar o debate, nessa direção, avança na reflexão sobre os movimentos turísticos na modernidade, considerando esse um aspecto importante, haja vista que o fenômeno e seu discurso modificam-se influenciados pelos elementos constituídos nesse tempo histórico.

Na relação do turismo e a abordagem crítica do setor, considerando com relevância os aspectos socioeconômico, ambiental e político, destacam-se: o reconhecimento do turismo como atividade de convergência de interesse dos governos; a visibilidade alcançada pela atividade no contexto nacional e regional; as mudanças e adaptações territoriais e sociais, especialmente no aporte do turismo na zona costeira nordestina e a força com que a atividade influencia e atua nas práticas sociais nos litorais turistificados no nordeste.

De um modo geral, os focos das pesquisas em turismo versam sobre a tendência de crescimentos econômicos do setor ou nos impactos gerados pela atividade. No presente estudo, intenciona-se destacar a imperatividade de compreensão e reflexão do fenômeno numa leitura mais abrangente, reflexiva e de perspectiva crítica que apontem direção “a revelar as estruturas e mecanismos causais por trás do fenômeno, tendo em vista a derivação de tendências futuras”, a fim de requalificar o debate e evidenciar considerações relevantes acerca dos mecanismos, construídos discursivamente, que atuam na prática social do turismo (CORRALES, 2004, p 406).

A análise crítica, nesse sentido, considera a reflexividade, a criticidade e a análise dialética do fenômeno no seu contexto social. A abordagem busca entender o jogo de interesses, o exercício de poder e a influência da ideologia, com vistas a evidenciar os elementos constitutivos e subjacentes do discurso institucionalizado, com o objetivo de promover novos debates acerca da atividade no contexto regional, onde as manobras ideológicas, como os discursos, atuam sistematicamente.

³ O termo trade turístico, na concepção organizacional, transmite uma ideia de alinhamento de esforços ao fornecimento da infraestrutura ao desenvolvimento do turismo de uma determinada região.

Nesse sentido, a Análise de Discurso Crítica (daqui para frente ADC⁴), no seu conjunto teórico-metodológico, tem-se estabelecido como campo internacional de pesquisa nas áreas das ciências sociais e humanas (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). Um dos motivos desse crescente interesse, está na abrangência da disciplina no enquadramento de leituras complexas, multidisciplinares e multimetodológicas do fenômeno social, especialmente ao que concerne à (des)mistificação de ideologias e poder, através da investigação sistemática das formas de [produção e] reprodução semiótica (escrita, falada e visual) em sociedade (WODAK e MEYER, 2009).

De modo geral, a Análise de Discurso Crítica apura sobremedida o campo reflexivo, e traça seus fins em questionamentos acerca do objeto investigado, no sentido a inspirar novos ângulos interpretativos e de leituras e, a partir daí, traçar movimentos emergentes e emancipatórias. Assim, a crítica social está no cerne do emprego da ADC como campo de pesquisa, cuja interdisciplinaridade e o caráter posicionado⁵ são característicos. Há, nessa abordagem, um olhar para além dos fatos visíveis, na intenção de entender como e quais engrenagens alimentam o sistema. Dito de outra forma, ler criticamente o panorama social, estrutural e discursivo que influenciam a produção e reprodução da prática social, aqui particularizado na leitura do fenômeno turístico.

2. A análise crítica do discurso, prática social e o turismo

Para Fairclough (2003, p 2) “a linguagem é uma parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos [sistemas] da vida social”. O discurso é a linguagem em uso, um elemento que se constitui na prática social e se conecta, influencia e é influenciada por outros elementos, outras estruturas sociais. Assim sendo, há na formação discursiva intercâmbios entre as estruturas sociais e a formação dos enunciados (discursos), cujos sentidos construídos têm efeitos sobre a sociedade.

O analista do discurso não angula sua análise no conjunto de enunciados em si, mas no enunciado contextualizado na prática social, haja vista que “linguagem enquanto discurso é interação” (BRANDÃO, 2002, p 12). É na combinação sociolinguística dos elementos, articulados e indissociáveis, que a ADC extrai sua fecunda base de análise. Assim, a ADC sistematiza teoria e método para o estudo de textos e variados eventos da prática social, na descrição, interpretação e explicação da atuação da linguagem (discurso enquanto ação e representação) no contexto sociohistórico (MAGALHÃES, 2005a, p 3).

⁴Fairclough, expoente da ‘análise de discurso crítica’, usou pela primeira vez a expressão em um artigo no Journal of Pragmatics (MAGALHÃES, 2005b, p 2).

⁵“Trata-se de abordagens críticas para o estudo linguístico-discursivo de textos. Pesquisas vinculadas à ADC assumem uma posição explícita em face de problemas sociais parcialmente discursivos, isto é, não simulam ‘imparcialidade científica’” (RESENDE, 2008).

A sistematização da análise do discurso foi fortemente influenciada pelo conceito de ‘ordem do discurso’ (FOUCAULT, 2001), ou seja, a organização estruturada dos elementos discursivos das práticas sociais. Diz Foucault:

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2001, p 8-9).

Na concepção de Fairclough (2003) ‘ordem do discurso’ está na relação da língua enquanto prática social (linguagem em uso) que é em si um elemento de estruturação e redes da prática social. Nesse aspecto, considera-se o discurso para além dos aspectos linguísticos, mas “como jogos (games), jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquivas, como também de luta”, forjado na prática social (FOUCAULT, 2005, p 9).

A ‘ordem do discurso’ refere-se à construção ideológica do discurso, o qual se torna elemento-chave de investigação quando se analisa o discurso e a construção dos sentidos (VERÓN, 1980). Nessa direção, é importante situar o aspecto ideológico como forma simbólica de dominação na contemporaneidade, a partir das formas que os sentidos são construídos simbolicamente através dos discursos (THOMPSON, 1995).

“O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza” (BRANDÃO, 2002, p 37), cujos enunciados, especialmente no turismo, hibridizam ideologias e interesses amparados pela retórica do ‘politicamente correto e irremediavelmente necessário ao desenvolvimento local’. Fairclough (2003) analisa a dificuldade de apreensão da materialidade ideológica nos discursos, bem como as influências exercida pelas estruturas.

Textos não são somente efeitos da estrutura linguística e ordens de discurso, são também efeitos de outras estruturas sociais, e da prática social em todos os seus aspectos, de modo que se torna difícil separar os fatores (estruturas conceituais que organizam o pensamento, políticas e discurso) que moldam os textos (FAIRCLOUGH, 2003, p 25).

WODAK e MEYER (2009, p 5) analisam que “descrever discurso como uma prática social implica em uma relação dialética entre um evento discursivo particular e as situações, instituições e estruturas sociais que os moldam”. Para os autores, como a materialidade discursiva se revela no contexto social, os mesmos só podem ser entendidos a partir dessa mesma estrutura. Nesse sentido, justifica-se o emprego da ADC como metodologia a ampliar e diversificar análises críticas de eventos sociais ambientados no turismo

A ADC é caracterizada pelos interesses comuns em desmistificar ideologias e poder através da investigação sistemática e deduzíveis de dados semióticos (escrita, falada ou visual). Pesquisadores em ADC também tentam deixar suas

próprias posições e interesses explícitos, mantendo suas respectivas metodologias científicas e mantendo-se auto-reflexivo de seu próprio processo de investigação (WODAK e MEYER, 2009, p 3).

A ADC se firma como metodologia interdisciplinar que prega, como essência, a crítica aos efeitos do discurso (em várias plataformas) sobre a sociedade, visando mudanças sociais. Fairclough (2001, p 28) refere-se ao termo 'Crítico' no sentido de desvelar conexões e causas que estão ocultas, intervir fornecendo recursos (resistência, interpretação, posicionamento) e produzindo mudanças para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem.

Assim, analisam-se os discursos, a partir de sua influência, funcionalidade e estratégias enquanto interação social, na percepção de que os discursos embutem modelos mentais subjacentes e de representações sociais que atuam na produção social dos sentidos. A perspectiva de análise, desta forma, tem foco nos problemas sociais e outras formas de dominação e poder mediados pelo discurso. Esse conjunto favorece práticas interpretativas a respeito de constrangimentos sociais ou efeitos sociais desencadeados por sentidos construídos nos textos (RESENDE e RAMALHO, 2006, p 23).

Neste mesmo sentido, Van Dijk (2010, p 15) defende que o perfil crítico nos Estudos do Discurso está fortemente relacionado ao aspecto de dominação social "abuso de poder social por um grupo social", cujo objetivo da investigação visa proporcionar mudanças sociais que superem relações assimétricas de poder. O autor deixa claro que os estudos críticos do discurso não são neutros, mas posicionado no engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade. Nessa direção, de acordo com o autor, o perfil crítico de pesquisas com foco no discurso revela-se quando:

- Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse.
- As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante.
- Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegais.
- Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados.

No turismo, pesquisas relacionadas aos estudos críticos do discurso no Brasil ainda são raros (HINTZE, 2013). Contudo, a investigação das práticas sociais e as outras semioses que a atuam no setor são fundamentais a fim proporcionar reflexões críticas sobre a realidade construída. É através da apreensão da prática social que "nós podemos conhecer a realidade objetiva, captar suas relações, suas propriedades, sua essência". (TRIVIÑOS, 2006, p 135). Desta forma, se evidencia possíveis mecanismos "opacos" de mediação e poder que influencia as práticas sociais, proporcionando dessa reflexão leituras críticas da realidade no turismo e, concomitante, o encaminhamento de movimentos emancipatórios e posicionamento social aos discursos hegemônicos e de poderes constituídos.

A percepção empírica do turismo, enquanto prática social, evidencia a existência uma construção discursiva de poder e hierarquia, cuja função, embora estrategicamente construída a escamotear interesses e jogos de poderes; funciona com eficácia na mediação e ressignificação das práticas sociais do setor, contribuindo o *status quo* e tornando menos acessível à interpretação crítica dos enunciados. Para Beni (2012) o gerenciamento de mudanças, monitoramento avaliação e controle não tem sido prática corrente em nossas destinações turísticas, assim como não se tem discutido o discurso que o rege.

Essa é uma condição importante a ser observada, haja vista que a ‘fala hegemônica proferida’ molda e insere significados simbólicos que serão reproduzidos na prática social. No turismo, essa reflexão ampara um dos pontos que justificam encaminhar as pesquisas com atenção à base discursiva, a fim de apropriar-se de como se dá essa mediação. Haja vista que “o reflexo do fenômeno material na consciência depende de diversas condições inerentes tanto à pessoa como ao ambiente” (TRIVIÑOS, 2006, p 121).

3. O viés crítico no turismo e a ADC como aporte teórico e metodológico de pesquisa

O turismo é um sistema produtivo que combina o discurso, materialidade e prática (FRANKLIN & CRANG, 2001). Nesse contexto, a análise do discurso na sua combinação sociolinguística é uma importante ferramenta investigativa e reflexiva ao que tange aos sistemas de representação e prática social. A leitura crítica do discurso torna-se relevante no sentido de propiciar fluxos locais de conhecimento para a leitura da realidade local, considerando a riqueza da impressão proporcionada a partir da visão de mundo e prática social de cada um (ALBAGLI e MACIEL, 2004).

Para Fazito (2012), a chave para entender as relações de poder que moldam o desenvolvimento do turismo está na análise do discurso. O autor sugere a análise do discurso do turismo a partir da compreensão foucaultiana de que os discursos não são só palavras, mas ações; mecanismos que atuam dentro de um contexto histórico e político. No mesmo raciocínio, Maingueneau (1997, p 50) considera a enunciação “bem menos do que um ponto de vista, é [mas] uma organização de restrições que regulam uma atividade específica”.

É na dinâmica da busca do sentido oculto do que está posto, que a análise do discurso dá sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas (MAINGUENEAU, 1997). O discurso, nesse sentido, é a base de onde se extrai e identifica-se o caráter conflituoso dos embates subjetivos e sociais, e suscita novas abordagens para o desenvolvimento das questões sociais na modernidade, na qual o turismo se insere.

Delimitar pesquisas no turismo com foco na sua base discursiva revela-se eficiente mecanismo de apreensão da realidade social. Na análise do turismo com foco nos discursos, entre outros fatores, considera-se com relevância situar o seu contexto social, a conjuntura político-econômica e ambiental, bem como o papel representado pelos atores sociais, sendo essas questões importantes para entender o turismo na atualidade. Nessa complexa interpretação de

elementos, forjado e composto de elementos da prática social do turismo, é possível apreender pontos importantes para o entendimento do setor, como por exemplo, a existência de discrepâncias, contradições e poderes nos discursos institucionalizados e hierarquizados que invariavelmente permeiam o segmento.

Na defesa de alinhar o turismo aos estudos críticos do discurso, destaca-se a intenção em contribuir para ampliar os estudos críticos no turismo na perspectiva sociolinguística. O que amplia possibilidades de deslocamento dos estudos do turismo para além da discussão pontual mercadológica e socioambiental, apologia ou defesa respectivamente. O paradigma crítico no turismo, distinto ao positivismo, tem um dos focos a criação de movimentos sociais emancipatórias, como algo que pode ser realizado no futuro (TRIBE, 2007) sendo essa uma das finalidades da ADC como metodologia de pesquisa.

Assim, a partir das identidades epistemológicas entre o turismo crítico e ADC, defende-se que o desenvolvimento de pesquisas nessa direção atualiza e inova o campo metodológico da pesquisa em turismo, cujo estado da arte indica carência de inovações, sendo esse um dos desafios a ser superado no setor. A pesquisa do turismo pelo ângulo discursivo também contribui decisivamente para leituras críticas mais contundentes do fenômeno na modernidade (HINTZE, 2013), e auxilia a formatação de movimentos emancipatórias e contra-argumentativos aos discursos de poder e do espetáculo cristalizado e reproduzidos na prática social.

O estudo moderno do turismo demanda a investigação de realidades observáveis, constituída na relação sociedade e estrutura, e estruturas e poderes gerativos (BHASKAR, 1989; BHASKAR, 1979), as quais são potenciais mecanismos de ativação e influências nas práticas sociais. É a partir de uma reflexão crítica e sustentada que se encaminhará mudanças, o que aqui se qualifica como movimentos emancipatórios. Essa é uma das direções que indicam o enquadramento do turismo à ADC, haja vista que a base crítica e os elementos que constituem a teoria fornecem ferramentas para a leitura da prática social, no sentido de construção reflexiva crítica e contextualizada da realidade local; construção crítica necessária à geração e interpretação de dados em campos sociais, como o turismo.

A pesquisa crítica social, o turismo crítico e a ADC produzem reflexões importantes a respeito do *status quo*, poderes, ideologias e mudanças sociais; cujos sentidos de pesquisa são indispensáveis para traçar bifurcações entre poder e emancipação. Para o turismo, como atividade ou pesquisa, esse sentido de construção é indispensável, haja vista que o pensamento hegemônico, as construções ideológicas do espetáculo em torno do setor acabam sendo reproduzidas quando deveriam:

[...] buscar a reflexão crítica que tem por fim revelar e descobrir um mundo no qual a desigualdade, os problemas humanos e do meio ambiente, por exemplo, são parte de uma ordem funcional e estrutural que incide no turismo e também em seu conhecimento produzido (PANOSSO NETO e CASTILHO NECHAR, 2014, p 121).

Assim, evidencia-se a importância de reflexões críticas no setor e para o setor, principalmente na análise das políticas públicas, bem como o modo que os atores sociais integram-se ao debate, tendo em vista que “é reconhecido que as políticas [e discursos] muitas vezes são moldadas fora da arena pública e talvez de formas secretas” (BRAMWELL, 2006, p 958).

4. Os discursos no turismo

Verón (1980, p 179) refere-se aos sentidos e representações da formação discursiva assim: [...] toda linguagem constrói um mundo, quer seja ele proposto como imaginário ou como real, como abstrato ou como concreto, como significante ou como “puramente material”. Esse é um princípio a se buscar nos discursos, sua materialidade, funcionalidade, enquanto mecanismo ideológico de produção de sentidos, de jogo de poderes, de submissão social. A atenção às posições ideológicas sociais são fontes importantes a qualificar como objeto de apreensão da realidade local. No turismo assim como qualquer campo, as ideologias e seus discursos materializados deixam marcas e sentidos quando produzidos. Marcas indelévels da posição e representação que se quis assumir, mesmo que escamoteada e polissêmica, sendo esses complicadores de interpretações imediatas dos enunciados.

Os discursos não são lineares, e há que se dizer que, mesmo sob pressão, descortinam-se percepções, leituras e discursos contrários ao que se impõe. Assim, os discursos são também tensos, configurando-se uma dinâmica de escuta e afrontamento, resistência e aceitação.

O turismo é um campo social interessante de apreensão das práticas discursivas enquanto ação dominante e de poder, na qual a dialética entre o enunciador e o receptor é geralmente parcializada, fraca. Essa realidade, enquanto prática social constrói-se pela necessidade (financeira, política, socioambiental) em enquadrar-se ao *status quo* fortalecido pelas práticas políticas e econômicas vigentes, que invariavelmente determinam o perfil, futuro e participação nas destinações turísticas. A questão não é absolutamente determinista. Ela é real e percebida empiricamente em todas as regiões, principalmente em destinações que almejem seu “lugar ao sol” no mercado turístico. Há um “consenso” de aceitação às diretrizes, para que não se corra o risco de ser excluído do processo. Para Hitze (2013, p 20) no turismo legitimar questões relacionadas ao setor é “uma estratégia usada em jogos de poder, e em exercícios de dominação que subjazem a este movimento”.

Coriolano (2005, p 51) comenta que as determinações lançadas por governos, corpo empresarial e comunidade local “contêm mensagens a serem decodificadas e sentidos que os pesquisadores precisam apreender”. Essa é uma das questões defendidas neste artigo, a fim de se explicar de forma qualitativa e mais libertadora os sentidos produzidos no setor, e relativizar os discursos hegemônicos, bem como posicionar-se em relação aos discursos de poder e do espetáculo produzidas no turismo.

Os enunciados no turismo são, invariavelmente, marcados pela combinação do discurso político e nuances de marketing, por estruturas frasais e termos estrategicamente posicionados, construindo uma ideia de integração, governança e desenvolvimento, amparado pelo discurso apologético à economia e nominalização social discursivamente construída dos atores sociais. A estrutura discursiva no turismo, marcadas por hibridismo, polissemia, palavras encaixadas, estruturas frasais, verbos de ênfases ou de omissão entre outros, evidenciam uma forte construção ideológica no setor. Desta forma, os produtores dos discursos turísticos “constroem paraísos, festas, futuros, satisfações, ressignificações e estabilidades” em torno do fenômeno – essa é a ordem do discurso na qual a investigação deve centrar-se.

Outra marca inerente ao discurso turístico, é a intenção velada em construção transversal da imagem dos governos, dos administradores e a identidade do destino como produto turístico. Um exemplo disso é a utilização de imagens e a interposição simbólica da figura política (administrador, sigla partidária) entre o setor do turismo e o seu desenvolvimento, principalmente nas escalas regionais e locais. Esclarece Costa (2010).

Nessa perspectiva, apoiado na visibilidade creditada ao Estado, o governo trabalha também e de forma transversal [discursiva] uma imagem positiva da gestão governamental vigente, o que o torna esse grupo politicamente mais forte e lembrado como o grande articulador da entrada do Ceará nos parâmetros da economia global (COSTA, 2010, p 51).

Essa construção intencional e velada deixa clara a urgência de formatação do perfil crítico-reflexivo na leitura do turismo, a fim de evidenciar posições e discursos hierárquicos, e de criar contraposições críticas à espetacularização do turismo como setor idealizado. Há que se complexibilizar a leitura no segmento turístico, e interpretar os discursos estrategicamente construídos, clivados por acordos e interesses, que interligam, justificam e apoiam as decisões políticas e econômicas que interferem no aporte e desenvolvimento do setor.

Há também que se perceber a centralidade (visibilidade, consideração) dos atores sociais nesse processo, que hora faz parte ou é suplantado, de acordo com a conveniência. Por exemplo, quando se defende a participação da comunidade na implantação dos projetos turísticos as comunidades locais são imediatamente lembradas e aparecem em evidência no processo; já quando se trata do desenvolvimento dos projetos e avaliação dos mesmos, os governos, políticos e administradores ganham força e lugar privilegiado como enunciador. Assim, há que se entender o posicionamento das questões e os sentidos gerados, entender o discurso como mecanismo que constrói ideologicamente referências sociais de passividade, subserviência, de poder e hierarquia.

No turismo, o interventor financeiro, bem como a posição hierárquica dos administradores significa ter posição de destaque como enunciador, o que garante autonomia em determinar como e quais diretrizes devem ser cumpridas. Ao ator social, salvo poucas exceções, a fim de garantir seu “lugar ao sol”, cabe cumpri-las. A retórica, o discurso politicamente correto também tem sua marca, onde conceitos relacionados ao desenvolvimento, sustentabilidade e o

desenvolvimento sustentável, ganham destaque. Na construção desse processo sociopolítico, a figura do gestor-interventor destaca-se, e determina as posições dos organismos e instituições em termos de hierarquias e posições discursivas. Desta forma, é premente ao setor do turismo encaminhar reflexões, análises críticas e posicionamentos de autodefesa contra o discurso inspirador, sistematizado ideologicamente e espetacularizado, contudo contraditório, quando confrontado com a realidade da prática social. O entendimento do objeto (turismo) e seu contexto são essenciais para a apreensão mais próxima da realidade analisada, como esclarece Fairclough (2003).

Os textos [na dimensão discursiva das práticas sociais] têm consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivo, moral e material, e a sua análise são vitais para entender essas consequências e efeitos, quando se pretende levantar questões morais e políticas sobre as sociedades modernas, bem como as transformações causadas pelo “novo capitalismo” em particular (FAIRCLOUGH, 2003, p 4).

Há que se refletir sobre o que alinha os discursivos no turismo, inclusive os referenciados pelos organismos internacionais, como a Organização Mundial do Turismo, que referenciam e validam a constituição das diretrizes locais, mas que são falhas quando confrontadas com a experiência empírica. É nesse discurso polissêmico e híbrido que se instaura defesas, interesses e estratégias político-econômicas; onde se constroem cognições de centralidades e poderes. É nessa arena onde poderes constituídos, pelos mais variados aspectos, mascaram e escamoteiam os sentidos discursivos, e onde se se instala o discurso “despretensioso” do turismo e seus administradores. Onde a fetichização das tabelas econométricas, são reproduzidas pela mídia, sociedade e academia, e que acabam por amparar, dá força à execução e justificar os projetos turísticos, construindo imagens do espetáculo, do desenvolvimento local e da sustentabilidade no setor.

5. Considerações finais

O artigo teve como foco de debate os estudos críticos do discurso, a crítica aos processos sociais discursivamente construídos e a indicação do emprego da Teoria Crítica de Discurso (ADC) como aporte teórico-metodológico de pesquisa no turismo, com objetivo de proporcionar leituras críticas do fenômeno na modernidade. Essa necessidade parte da percepção da funcionalidade do discurso, exercido no segmento turístico, enquanto ferramenta de formação ideológica, de poderes e do espetáculo. Desta forma, indica-se o conjunto de teorias e métodos sistematizados na ADC como campo de pesquisa interdisciplinar, reflexivo e crítico que se enquadra às novas leituras exigidas do turismo. Sendo esse viés de análise um mecanismo importante à criação de posicionamentos críticos e aprendizagens que favorecem as mudanças sociais no setor.

O cenário político e econômico exercem forte influência no desenvolvimento do segmento turístico, sendo o discurso uma ferramenta essencial de formação ideológica e de manutenção do *status quo*, principalmente em escala local. Assim o turismo, personificado pelos atores sociais diretos e indiretos constroem uma extensa teia de relações, na qual o discurso atua

sistematicamente, numa dinâmica de exposição e influência proporcionadas pelos discursos que os regem. Esse é um campo incontestável de análise crítica necessária ao setor e fonte de interpretação abrangente da prática social.

Nessa direção, há que se desenvolver epistemologias reflexivas e críticas de posicionamentos que promovam mudanças sociais, sendo importante, num dado momento, entender quais mecanismos atuam nessa direção. Para Panosso Netto e Castillo Nechar (2014, p 138), há que se promover pesquisas e epistemologias que atuem na “transformação da realidade, conhecimento e prática” para a promoção de mudanças e fugir do “funcionalismo” que permeiam a prática e o conhecimento no turismo. Nessa direção, o que defende-se no artigo coaduna-se a indicação de construção de novos cenários críticos sugeridos pelos autores, sendo para isso necessário se desenvolver “exercícios críticos, reflexivos e interpretativos”.

Essa perspectiva desloca a lógica de análise do turismo, criando perspectivas de análises mais contundentes e críticas sobre os processos formadores e os mecanismos que atuam como aparato ideológico no setor. É preciso entender a realidade que permeia o turismo, uma realidade que subjaz ao aparente, ao visível, ao turismo espetacularizado funcional apresentado como padrão. Onde conceitos como o de Foucault (Ordem do discurso), que investigam processos disciplinares ideológicos e de poder, têm se tornado ferramenta útil de investigação e forma de “desafiar a noção de que os discursos do turismo são inocentes” ou de denúncia de que os discursos no turismo exercem estrategicamente construções cognitivas à subordinação (BIANCHI, 2009, p 490).

O estudo do turismo nesses moldes é ainda escasso no Brasil, porém já com atenção e relevância na literatura internacional (BIANCHI, 2009) empregado como arcabouço teórico-metodológico crítico para pesquisas do turismo na modernidade. Salienta-se o desafio em arquitetar estudos que integrem turismo na sua relação com a perspectiva crítica e os estudos da linguagem e semiótica. Contudo, defende-se que o conjunto de conhecimentos sistematizados na ADC revela-se um mecanismo incontestável à interpretação da realidade social local, bem como metodologia adequada ao turismo quando se pretende interpretações e reflexões críticas mais profundas e abrangentes do fenômeno em relação à prática social.

Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. Ci. Inf., Brasília, V. 33, n. 3, p.9-16, set./dez. 2004.

BHASKAR, Roy. A realist theory of Science. Brighton: Harvester: 1978.

_____. The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.

BIANCHI, Raoul V. The 'critical turn' in tourism studies: a radical critique. *Tourism Geographies*, Vol. 11, No. 4, 484–504, 2009. BENI, M.C. Introdução, in: *Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão*. Mario Carlos Beni Org. Barueri, SP: Manole, 2012.

BRANDÃO, Helna H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

BRAMWELL, B. Actors, power, and discourses of growth limits. *Annals of Tourism Research*. Elsevier: Vol. 33, No. 4, pp. 957-978, 2006.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. Epistemologia da análise do discurso no turismo. *Caderno virtual de turismo*, Vol. 5, N° 2, 2005.

CORRALES, Jairo Parada. Realismo Crítico en Investigación en Ciencias Sociales: Una Introducción. *Investigación 398 y Desarrollo* vol 12, n° 2 (2004) pags 396-429.

COSTA, Moisés. *Dissertação: Turismo e política governamental: impactos socioambientais gerados na zona costeira do município de Beberibe/CE*. Fortaleza: UFC, 2010. 186p.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburg University Press, 1999.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 9. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. 237p.

FAZITO, Mozart. *Turismo Crítico. Anais do IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-graduação em Turismo*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2012.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse. Textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 79p.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.

FRANKLIN, A., & CRANG, M. (2001). The Trouble with Tourism and Travel Theory. *Tourist Studies*, 1(1), 5–22.

HAESBAERT, Rogério; GONÇALVES, Carlos W. Porto. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 160p.

HINTZE, Cesar Helio. *Tese: Espetáculos e invisibilidades do discurso legitimador do turismo*. Piracicaba: USP, 2013. 536p.

MAGALHÃES, Izabel. *Análise do discurso publicitário*. *Revista da ABRALIN*, VOL 4, N° 1 e 2, 2005a.

_____. *Introdução: a Análise de Discurso Crítica*, in: D. E. L. T. A. São Paulo: Educ, 2005b, v. 21, n. especial, pp. 1-11.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997. 198p.
- PANOSSO NETTO, Alexandre; NOGUERO, Félix T; JÄGER, Margret. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. Vol. 22, n. 3, dezembro 2011.
- PANOSSO NETO, Alexandre; CASTILLO NECHAR. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista brasileira de pesquisa em turismo*. São Paulo, pp.120-144, 2014.
- RESENDE, V. de M; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RESENDE, V. de Melo. Tese: *Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil*. Brasília: UNB, 2008. 332p.
- RILEY, Roger W; LOVE, Lisa L. The state of qualitative tourism research. *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 1, pp. 164-187, 2000.
- THOMPSON, John. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- TRIBE, John. Critical Tourism: Rules and Resistance. In: ATELJEVIC, Irena; PRITCHARD, Annette, MORGAN, Nigel. (Eds.). *Critical tourism in tourism studies. Innovative Research Methodologies*. Oxford: Elsevier, 2007, p. 29-39.
- TRIVIÑOS, Augusto Silva. A dialética materialista e a prática social. *Movimento: Porto Alegre*, v.12, n. 02, p. 121-142, maio/agosto de 2006.
- VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (Orgs). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 281p.
- VERÓN, Eliseo. *A produção do discurso*. São Paulo: Cultrix: Ed. USP, 1980.
- WODAK, R; KRZYZANOWSKI, M. (Orgs.) *Qualitative discourse analysis in the social sciences*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008.
- WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.) *Methods of critical discourse analysis*. 2a ed. Thousand Oaks: Sage, 2009.

